

FACULDADE BATISTA DE MINAS GERAIS - FBMG
Programa de Graduação em Teologia

Isaías Nascimento Pimentel

**A UNIDADE DA IGREJA: uma análise bíblica da importância da
comunhão para a espiritualidade cristã a partir de Atos 4.32-37**

Belo Horizonte
2021

Isaías Nascimento Pimentel

A UNIDADE DA IGREJA: uma análise bíblica da importância da comunhão para a espiritualidade cristã a partir de Atos 4.32-37

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Teologia da Faculdade Batista de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Me. Jaison Francisco da Silva Oliveira

Belo Horizonte
2021



Isaías Nascimento Pimentel

A UNIDADE DA IGREJA: uma análise bíblica da importância da comunhão para a espiritualidade cristã a partir de Atos 4.32-37

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Jaison Francisco da Silva Oliveira (Orientador)

Prof. Examinador 1

Prof. Examinador 2

Dedico a quem sempre me incentivou, a quem sempre sugeriu que eu estudasse mais, quem sempre apoiou para esta formação, mesmo nos momentos de fraqueza e duvida em que me fez lembrar do profeta Jonas em sua fuga: minha esposa Elesandrina Araújo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que revigora as forças de forma a dar condições de trabalhar e estudar quando o vigo se vai. Agradeço à minha esposa, Elesandrina que sempre me dá o incentivo a continuar estudando, quando a vontade era de parar. Agradeço ao meu pastor Jorge Simão pelo apoio como mentor, como nos tornamos amigos! Agradeço ao Seminário Teológico Batista Mineiro pelas oportunidades oferecidas para estudar, pois as condições se tornaram desfavoráveis, mas o seminário abriu portas, em especial a pessoa do professor Danilo Secon que nos incentiva e aconselha; Também ao professor Jaison Oliveira pelas recomendações enriquecedoras. Agradeço a Cleide Pimentel que fez correções e chegou a dizer com tom rude: “quero ler seu artigo!” Agradeço a minha igreja pelas orações e apoio, ali algumas pessoas me diziam o quanto eu seria útil na obra do Senhor, eu digo amém.

RESUMO

A história da igreja cristã é marcada por muitos momentos de amor e cuidado ao próximo, demonstrado muitas vezes de forma tão evidente, que se tornou notório para autoridades. Em Atos dos Apóstolos 4.32-37 percebe-se que esta característica dos cristãos está presente na igreja ainda no seu estágio embrionário. Deste modo o intuito deste artigo é refletir sobre a mensagem de Atos dos Apóstolos 4.32-37 é refletir sobre a comunhão presente na igreja primitiva e sua repercussão na espiritualidade dos indivíduos que nela estiveram inseridos. Através de pesquisa bibliográfica foram abordados aspectos históricos, teológicos e culturais dentre outros a fim de perceber como a comunhão afeta a espiritualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade cristã, Igreja Primitiva, Atos dos apóstolos

ABSTRACT

The history of the Christian church is marked by many moments of love and care for others, often demonstrated so clearly that it became notorious for authorities. In the Acts of the Apostles 4.32-37 it is clear that this characteristic of Christians is present in the church in its embryonic stage. Thus, the purpose of this article is to reflect on the message of the Acts of the Apostles 4.32-37 is to reflect on the communion present in the early church and its impact on the spirituality of the individuals who were part of it. Through bibliographical research, historical, theological and cultural aspects, among others, were approached in order to understand how communion affects spirituality.

KEYWORDS: Christian Spirituality; Early Church; Acts of the Apostles.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. UMA INTRODUÇÃO AO LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS.....	11
1.1 Autoria.....	12
1.2 Destinatários.....	13
1.3 Datação	14
1.4 Propósitos do livro.....	15
1.5 Principais temas.....	16
2. UMA ANÁLISE BÍBLICA DA COMUNHÃO CRISTÃ EM ATOS 4.32-37.....	18
3. A IMPORTÂNCIA DA COMUNHÃO PARA A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ A PARTIR DE ATOS 4.32-37.....	24
3.1. A comunhão e o assistencialismo são elementos interdependentes da espiritualidade cristã.....	25
3.2. A comunhão assistencial cristã favorece o testemunho público da igreja local.....	27
3.3. A comunhão assistencial cristã consiste em uma expressão de amor prático.....	28
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Ao analisar o livro de Atos dos Apóstolos verifica-se que a comunhão era um elemento importantíssimo para a espiritualidade dos cristãos do Sec. I. A igreja primitiva considerava o relacionamento entre os membros da comunidade da fé algo imprescindível que deveria ser conservado e desenvolvido no cultivo de uma perspectiva cristã da fé. Em especial, o texto de Atos 4.32-37 expressa a intensa unidade presente na igreja de Jerusalém, a qual é caracterizada não apenas pela identificação confessional, mas manifestada através do cuidado mútuo comunitário.

Diante desta espiritualidade com implicações relacionais e comunitárias, percebe-se o comprometimento que os membros da igreja primitiva possuíam na valorização do próximo e no cuidado dos integrantes da família da fé. Dessa forma, perante o exposto, propõe-se a seguinte pergunta: qual a importância da comunhão para a espiritualidade cristã a partir de Atos 4.32-37? A fim de responder esse questionamento serão desenvolvidos três capítulos, que mediante uma pesquisa de metodologia bibliográfica, considerar-se-á a dimensão da unidade cristã e as suas implicações para a vivência dos aspectos relacionais do cristianismo.

No primeiro capítulo, nomeado de “Uma introdução ao livro de Atos dos Apóstolos” serão feitos apontamentos referentes ao livro de Atos dos Apóstolos e será analisado características acerca da autoria, destinatários, datação, propósitos do livro e principais temas, com a intenção de compreender os aspectos literários que compõem o contexto histórico e escriturístico de Atos 4.32-37.

No segundo capítulo, intitulado “Uma análise bíblica da comunhão cristã em Atos 4.32-37” será abordado o texto bíblico já citado, considerando quais os elementos pertinentes a unidade e a comunhão da igreja primitiva em Jerusalém, sendo levado em consideração para essa análise o pensamento de estudiosos e teóricos que tenham desenvolvido pesquisas ou obras em Atos dos Apóstolos, como Bob Utley, Warren Wiersbe, entre outros, que auxiliarão na compreensão do texto que será analisado.

No terceiro e último capítulo, “A importância da comunhão para a espiritualidade cristã a partir de Atos 4.32-37”, serão desenvolvidos quais são as implicações relacionais e comunitárias da teologia presente em Atos 4.32-37

para as comunidades cristãs da atualidade, expressando a relevância do cuidado e do assistencialismo cristão para a espiritualidade fundamentada nas Escrituras.

O presente artigo constitui uma pesquisa de caráter introdutório que não visa esgotar o tema em questão, mas despertar o leitor para o estudo acadêmico da teologia bíblica em Atos dos apóstolos e a relevância da comunhão para a espiritualidade cristã.

CAPÍTULO 1

UMA INTRODUÇÃO AO LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS

O livro de Atos dos Apóstolos é o relato acerca do início da igreja de Cristo, quando Jesus, após a ressurreição¹, ainda realizava seu ministério terreno e, posteriormente, através dos apóstolos dando continuidade às obras de Jesus a partir de Jerusalém.

Neste livro também é relatado os fatos que ocorrem posteriormente a ascensão de Jesus ao céu, o qual havia orientado os discípulos a permanecerem em Jerusalém até que se cumprisse a promessa da vinda do consolador². Conforme Atos 1.4 “Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual lhes falei”.

O cumprimento da promessa da descida do Espírito Santo sobre a igreja de Cristo se cumpriu na comemoração do dia de pentecoste. Naquela ocasião, segundo o registro lucano em Atos 2.9-11 havia uma multidão de muitos lugares partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos [...] tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes. Neste evento, após a capacitação advinda do Espírito Santo, a igreja foi habilitada para o testemunho eficaz do Evangelho de Cristo. De tal forma, que miraculosamente os discípulos obtiveram aptidão para falar a todas as etnias ali presentes, aqueles que ouviam a mensagem do evangelho as ouvia na sua própria língua, “*pois todos [os apóstolos] ficaram cheios do espírito santo e começaram a falar em outras línguas, segundo o espírito lhes concedia que falassem*” (atos 2:4).

Esse episódio marca o início da igreja de Cristo e expressa o poder sobrenatural que envolvia a igreja primitiva. Através da capacitação do Espírito Santo, a comunidade da fé pode exercer a atividade de proclamação do Evangelho e vivenciar intensamente os aspectos comunitários que são intrínsecos aos discípulos de Jesus. Diante disso, a fim de cumprir os objetivos

¹ Após a ressurreição de Jesus, Cristo permanece com os discípulos, falando das coisas relacionadas ao Reino de Deus por um período de quarenta dias (At 1.3). esse período foi importante por trazer provas incontestáveis de sua ressurreição aos seus seguidores

² Nome dado ao Messias (Isaias 9,6) e ao Espírito Santo (João 14.16,26: 15,26; 16.7). A palavra grega é *parákletos*, que significa “chamado ao teu lado para ajudar”.

desta pesquisa, será salientado a seguir, aspectos elementares sobre o livro de Atos dos apóstolos, de maneira a considerar qual o contexto histórico e literário que envolve o escrito em questão.

1.1. Autoria

Segundo Warren Wiersbe (2008, p. 298), Atos dos Apóstolos tem autoria definida. Lucas, o médico amado³, seria o autor deste livro. Enquanto evidências externas, há o relato da tradição da igreja reivindicando a autoria lucana para o Evangelho de Lucas e o livro de Atos dos apóstolos. Sendo que o Cânon Muratoriano, Irineu de Lyon, Clemente de Alexandria, Orígenes e Tertuliano declaram que Lucas é autor do Evangelho e de Atos (KISTEMAKER, 2006, p. 37). “A tradição eclesiástica, porém, desde cedo não tem dúvidas de que o autor é Lucas, antioqueno, médico e companheiro de viagem de Paulo” (BOOR, 2002, p. 17).

Enquanto evidências internas, há o relato paulino de que Lucas, o médico, era um dos seus colaboradores ministeriais (Cl 4.14). Conforme Simon Kistemaker (2006, p.37), “a partir de uma análise do vocabulário de Lucas no Evangelho e em Atos, ficamos cientes de que o escritor poderia ter sido um médico, refletindo sua profissão nos seus escritos”.

Além disso, a dedicatória do Evangelho de Lucas e Atos dos apóstolo expõe a conexão entre ambos os livros. “igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem [dos fatos sobre Jesus]” (Lc 1.3); “Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar” (At 1.1). No prólogo de Atos, o autor se identifica como a mesma pessoa que havia escrito o evangelho: Diante disso, Marshall (1982, p. 17) considera que Atos é a segunda parte de uma obra que possui dois volumes, sendo o Evangelho de Lucas sua primeira parte.

Em Atos 16.8-10, Lucas junta-se ao grupo de Paulo em Trôade e a partir de então há uma mudança do ponto de vista da narrativa no uso do pronome ‘nós’ em lugar de ‘eles’ —ambos implícitos—, uma visão de uma perspectiva: antes de observador, agora de participante da história narrada, o que deixa claro

³ Expressão utilizada por Paulo em Colossenses 4.14 para referir-se a Lucas.

que o autor está inserido na história de Paulo e reforça a hipótese da autoria lucana de Atos. Conforme aponta Rabusque (2012, p. 7):

Tradicionalmente, tem-se designado o autor como sendo Lucas, o companheiro de Paulo. Nunca foi cogitado outro nome com seriedade. Quem favorece a identidade argumentativa é a própria análise interna de Atos. Argumenta-se que há unidade de estilo entre as seções nós e o restante do livro. Depois, começa-se a eliminar todos os outros possíveis companheiros de Paulo. Restaria Lucas. Então seria um cristão da primeira geração.

De acordo com o Moody (2001) não é possível ter a certeza da autoria de Lucas através de títulos, pois nem o evangelho nem o livro de Atos dá o nome do seu autor, mas foi provavelmente Lucas, amigo e companheiro de Paulo. No entanto, a autoria lucana pode ser reconhecida mediante aos três ‘nós’⁴ que aparecem na narrativa e que implicitamente propõem o autor e coadjuvante Lucas.

Por tudo isso, diante das evidências externas e internas, pode-se concluir que Lucas é autor de Atos dos Apóstolos.

1.2. Destinatários

Atos dos Apóstolos foi escrito ao “excelentíssimo Teófilo”, nome ou título honorífico da pessoa mencionada no Evangelho de Lucas (Lucas 1.3) e nos Atos dos Apóstolos (Atos 1.1). Teófilo era, provavelmente, alguém convertido à fé cristã — grego ou romano — e que precisava ter certeza da fé. Segundo Moody (2001), era provavelmente um gentio convertido ao cristianismo e Lucas lhe escreveu para dar um conhecimento mais detalhado das origens cristãs. Certamente uma autoridade de certa importância para quem o autor se dedica a escrever duas longas produções sob pesquisa detalhada. Rabuske (2012, p. 10) entende que Atos é dirigida inicialmente a uma minoria privilegiada e posteriormente a uma maioria pobre e indigente.

O mais provável é que a comunidade de Lucas, lá pelos anos oitenta, esteja sendo um pequeno espelho do que era uma cidade helenista do império romano. Uma pequena burocracia romana que, em nome do império, coopta a classe dominante local, formando assim uma minoria privilegiada.

⁴ Atos 16.10-17; 20.5-21.18; 27.1 – 28.16

Assim é possível pontuar que Teófilo é alguém que fazia parte da elite, que vivia em condição privilegiada e precisava receber uma exposição detalhada sobre o ministério de Jesus e a atuação da igreja primitiva. Philip Francis Esler (apud RABUSKE, 2012) considera que, Lucas é o evangelho mais incisivo em expor contradições sociais, como Lázaro e o rico (Lc. 16.19-31); o bom samaritano (Lc. 10.29-37); a porta estreita (Lc. 13.22-30) entre outros textos. Sendo possível que o autor esteja descrevendo a uma autoridade competente —Teófilo— injustiças existentes e pouco conhecidas da elite.

1.3. Datação

Lucas escreveu Atos dos Apóstolos, aproximadamente, em 62 d. C. Moody (2001), salienta que pode haver imprecisão na data, uma vez que Atos termina com uma conclusão abrupta —o que para Lopes (2012. p.7) explica-se porque a história da igreja não terminou—, sendo possível que Atos tenha sido produzido em tempo tardio entre 90-100 d.C. Por sua vez, Williams advoga que certamente foi escrito no primeiro século:

[...] não se tratar de mera crônica de eventos, mas ser claramente o produto de muita reflexão. Atos apresenta uma interpretação da história, o que implica, argumentam alguns, que o autor escreveu de alguma distância temporal de seu assunto. (WILLIAMS 1996, p. 22)

Assim seria possível ter uma distância temporal de trinta ou quarenta anos para que o autor tivesse a perspectiva que teve, além do fato de que o livro exhibe os interesses e as perspectivas da igreja daquela época posterior (WILLIAMS. 1996, p. 22). Uma conclusão da narrativa depois dos fatos acontecidos parecem levar ao ano 62 d.C. Williams (1996) sugere que alguns autores datam Atos entre 60 e 70 d.C. De acordo com os editores da Bíblia em ordem cronológica (2003), o ministério de Paulo e de Pedro aconteceram entre os anos 29 – 67 d.C. o que torna a data plausível.

Convém ressaltar que o autor de Atos está interessado em retratar a biografia de Paulo, mas não faz referência à sua morte que deve ter acontecido por volta do ano 67 d.C. Porém, pode-se pensar também que talvez o autor de Atos dos Apóstolos tivesse o interesse de assinalar o progresso do evangelho até Roma. Desde que as Boas Novas houvessem sido anunciadas em Roma, o

que teria acontecido a Paulo teria ficado além do escopo da obra (WILLIAMS, 1996).

Outra controvérsia em relação aos anos 60 d.C. está relacionada ao fato de que o autor de Atos fez uso do Evangelho de Marcos, o qual teria sido escrito, de acordo com tradições mais antigas, depois da morte de Paulo (WILLIAMS, 1996, p. 23) colocando-se assim a produção, mais uma vez, após a morte de Pedro e de Paulo. Sendo assim, é possível atrelar a Atos uma data aproximadamente de 75 d.C; Marcos teria sido escrito no final dos anos 60, ou início dos anos 70, seguindo-se o evangelho de Lucas (WILLIAMS, 1996, p. 23).

1.4. Propósitos do Livro

Conforme Moody (2001), os escritos de Lucas não tinham a pretensão de relatar a história da igreja primitiva, indício que aponta isso é que os atos de todos os apóstolos não aparecem na narrativa.

Visto a relação entre o evangelho de Lucas e Atos dos apóstolos, o propósito de ambos os escritos pode ser descrito em Lucas 1.3-4:

[...] pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído.

Portanto, percebe-se que um dos propósitos do livro é proporcionar que Teófilo tenha plena certeza das verdades em que fora instruído. É propósito de Lucas registrar o início da igreja de Jerusalém, bem como sua expansão para fora dos limites da cidade de Jerusalém, com base nas observações do seu autor, quanto ao trabalho de Paulo e Pedro.

Para Moody (2001), Lucas também não dá detalhes sobre a origem dos anciãos da igreja, nem sobre a liderança de Tiago na igreja de Jerusalém, nem sobre o que Paulo passou em Tarso após a sua conversão, Lucas conta sua história com a pregação e expansão do evangelho por parte de Paulo e Pedro e conta a Teófilo como essa expansão ocorreu no mundo gentílico e como começou a restauração do Reino de Israel.

Lopes (2012 p.12) citando John Stott⁵ diz que Atos é fundamental devido seus registros históricos e também por sua inspiração contemporânea. Atos narra a história da igreja apostólica, desde os seus primeiros passos em Jerusalém até Roma, a cidade imperial. Para ele, o propósito do livro de Atos dos Apóstolos, é colocar o Espírito Santo e Jesus no centro do palco: “[...] É Ele quem fala e faz. Os homens de Deus são apenas instrumentos; o agente é o próprio Filho de Deus” (Lopes, 2012 p.13).

1.5. Principais temas

Atos dos apóstolos são os eventos escatológicos que se sucederam após o início do Reino com o próprio Senhor Jesus, o qual inaugurou seu Reino terreno conforme o propósito divino (RICHARDS 2008 p. 252). Tal condição, pode-se perceber no discurso de Pedro ao citar o profeta Joel⁶, em Atos 2.16-18:

[...] isto é o que foi predito pelo profeta Joel: ‘Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão.

Desta forma, afirmar que aqueles apóstolos entenderam, pelo Espírito Santo, que os últimos dias haviam iniciado e, portanto, Atos dos Apóstolos vêm com esse tema como plano de fundo. Lopes (2012 p.13), citando Guilherme Orr complementa “que o tema central de Atos é ainda Cristo, mas agora é o Cristo ressuscitado, vivo, que dá poder, e que desafia seus seguidores a irem por todo o mundo com a incomparável história do amor de Deus”.

Há em Atos dos Apóstolos o cumprimento da palavra de Jesus, “[...] vocês, serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (Atos 1:8), pois a partir do dia de pentecostes em Atos 2, o evangelho começa a se expandir. Conforme Rabuske (2012) é em Atos dos Apóstolos que se vê, no início da Igreja de Jerusalém, a ênfase a alguns missionários e testemunhas dos atos de Jesus: Estevão, Felipe, Saulo – sua conversão –, Pedro na casa de Cornélio, Barnabé.

⁵ John Robert Walmsley Stott foi um pastor e teólogo anglicano britânico, conhecido como um dos grandes nomes mundiais evangélicos.

⁶ Joel 2.28-32

No contexto de Atos dos Apóstolos a missão avança para fora da Palestina, na comunidade de Antioquia, é também narrado a viagem missionária de Paulo à Macedônia/Grécia, Corinto, depois Ásia e Éfeso; os acontecimentos caminham para a chegada de Paulo a Jerusalém, onde foi perseguido, acusado várias vezes e quase condenado, vendo-se obrigado a apelar para o fato de ser cidadão romano e ter de ser julgado em Roma, onde passa dois anos preso.

Desta forma pode-se sintetizar a narrativa de Atos dos Apóstolos: início da igreja em Jerusalém, os primeiros missionários, a missão fora dos limites de Jerusalém, a viagem missionária de Paulo, a perseguição a Paulo.

A igreja de Jerusalém em Atos dos Apóstolos havia recebido no pentecostes o Espírito Santo e é esse o principal agente de comunhão na igreja. Neste contexto, se percebe que *todos os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum*. (Atos 2:44); Por sua vez. Atos 4.32 registra que “*a multidão dos que creram, uma era a mente e um o coração. Ninguém considerava unicamente sua coisa alguma que possuísse, mas compartilhavam tudo o que tinham*.” (Atos 4:32), este é um direcionamento prático da comunhão que deve ser desenvolvida e vivenciada por uma igreja local. Como declara Richards (2008, p. 251), “Da mesma maneira, a união dos convertidos para formar a íntima comunhão descrita em 2.42-47 e 4.32-37 serve para modelar os princípios universais da vida congregacional”.

Assim, pode-se concluir que há na igreja primitiva um importante exemplo que é útil para modelar os princípios de comunhão que devem ser cultivados por cristãos. Também, pode se perceber algumas características que são vitais para a Igreja de todos os tempos no que concerne à comunhão, e que podem ser encontrados nos textos de Atos 2.42-47 e 4.32-37⁷.

Diante da importância da comunhão para a igreja primitiva e a sua relevância para a espiritualidade cristã. Será desenvolvido a seguir uma análise bíblica da comunhão cristã em Atos 4.32-37 a fim de compreender e expor a mensagem do texto em questão.

⁷ A igreja primitiva se dedicava ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações (At 2:42), testemunhava da ressurreição do Senhor Jesus (At 4:33), anunciava corajosamente a palavra de Deus (At 4:31), eram cheios de temor (At 2:43), louvavam a Deus (At 2:47), tinham a simpatia de todo o povo (At 2:47), não havia pessoas necessitadas entre eles (At 4:34), mantinham-se unidos e tinham tudo em comum (At 2:44), possuíam uma mesma mente e coração (At 4:32), compartilhavam tudo o que tinham (At 4:32), juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração (At 2:46).

CAPÍTULO 2

UMA ANÁLISE BÍBLICA DA COMUNHÃO CRISTÃ EM ATOS 4.32-37

O relacionamento despreconceituoso de Jesus com as pessoas deve ter servido de exemplo para a comunidade de cristãos da igreja nascente, onde surgiu um relacionamento tão aproximado entre eles, que o texto bíblico diz que dos que creram um era o coração (Atos 4.32). Ainda a atuação do Espírito Santo entre e através daqueles cristãos fazia com que não houvesse necessitado entre eles, pois eles eram capazes de se desfazerem de bens para o socorro aos irmãos da comunidade de fé (Atos 4.34). Acerca disso afirma Utlely (2010, p.84) que a igreja sentia a responsabilidade de uns para com os outros.

No Antigo Testamento, os judeus possuíam leis relacionadas à assistência social (Lv 25.35-38; Dt 15.7-11). No entanto, Atos 4.32-37 não se trata necessariamente do cumprimento da lei judaica, é sim, um voluntariado em função do bem coletivo que foi impulsionado pela ação do Espírito Santo na vida daquelas pessoas. Porém, existe a possibilidade de que Lucas está apresentando que devido a capacitação do Espírito Santo, a promessa de Deuteronômio está sendo cumprida pela igreja primitiva. (GONZÁLEZ, 2011, p. 95). Este apontamento também é a conclusão de Wiersbe (2008, p.311) que afirma que o Espírito Santo também uniu os crentes de uma forma tão maravilhosa que vendiam os bens e dividiam com os necessitados. Como é registrado por Lucas:

Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Não havia nenhum necessitado entre eles, porque os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e os depositavam aos pés dos apóstolos; então se distribuía a cada um conforme a sua necessidade. Então José, a quem os apóstolos chamavam de Barnabé, que quer dizer filho da consolação, um levita natural de Chipre, vendeu um campo que possuía, trouxe o dinheiro e o depositou aos pés dos apóstolos (Atos 4:32-37 – NAA)

O versículo 32 aponta para uma comunhão relacional: Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. Esse é o

resultado da verdadeira comunhão: o se importar tanto com o próximo ao ponto de se doarem em um relacionamento tão sincero que proporciona o desapego das coisas materiais em função do bem estar do próximo e/ou coletivo.

Williams (1996, p. 134) propõe que: “Esta unidade, [era] baseada no reconhecimento de que ‘[há] um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos’ (Efésios 4:5-6), em suma, em seu amor divino mútuo”, leva justamente ao tipo de comunhão vivido pela igreja nascente, portanto, tudo lhes era comum, aqueles cristãos estavam bem entendidos sobre os propósitos da igreja no que diz respeito à comunhão.

Havia uma doação não somente de bens, mas uma doação pessoal daqueles cristãos. Era um assistencialismo incomum, um evento pontual e temporário não se exigindo que todo cristão de tempos posteriores devam fazer exatamente o mesmo. Porém uma atitude válida e didática, pois como argumenta Wiersbe (2008, p. 311-312), aquela atitude serve de inspiração para cristãos de todos os tempos.

No versículo 32, cumpre-se o que Jesus havia orientado quando disse: *Como o Pai me amou, também eu ameí vocês; permaneçam no meu amor.* (Jo 15.10 NAA), pois o espírito daqueles crentes era tão unido à semelhança da união do Filho com o Pai e do amor compartilhado. Desta forma, Utley (2010, p.83) conclui que ainda pode se perceber uma correlação entre Atos 4.32 e Lucas 14.26, 27 em que Jesus afirma:

Se alguém vem a mim e não me ama mais do que ama o seu pai, a sua mãe, a sua mulher, os seus filhos, os seus irmãos, as suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E quem não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo.

Assim havia ali o desapego a qualquer coisa por amor a Jesus em primeiro lugar, o que evidencia profunda devoção daqueles cristãos (WILLIAMS. 1990, p. 105).

Através do seu ministério e prática, Jesus ensinou aos apóstolos o valor da comunhão; ele demonstrou também a necessidade de atender às pessoas que precisassem de ajuda e orientou a amar como ele amou (Jo 13.34). Em Atos 4.32-37 percebe-se esses ensinamentos sendo colocados em prática de forma contundente, porque aqueles crentes estavam sendo orientados pelo Espírito e *em todos eles havia abundante graça.* (v.33), assim se entende o resumo do

caráter da igreja primitiva em relação aos participantes da comunidade da fé (MOODY, 2001, p.23).

Pode-se afirmar ainda que os discípulos de Jesus estavam obrigados a uma dívida com seu Senhor e por isso exercitavam o assistencialismo. Nesse contexto o assistencialismo está em lugar do egoísmo, da avareza e da ganância. No pensamento dos primeiros cristãos é mais importante o bem-estar do próximo do que as riquezas que só beneficia quem as possui. (WILLIAMS, 1990, p. 105)

No versículo 32 é feita a menção a “multidão os que creram”. Essa expressão possui vínculo com o discurso de Pedro no pentecostes quando *houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas* (At. 2:41). Essa multidão não considerava seus bens como sendo seus, após o contato com o evangelho, estavam dispostos ao sacrifício dos bens se sentissem que era necessário para suprir as carências “dos que creram”. *“Essa foi a primeira experiência de um ministério de finanças. Era voluntária e mútua, não obrigatória. Amor e preocupação, não a nível social ou governamental, esse era o motivo!”* (UTLEY, 2010, P.84)

A expressão “era um o coração e a alma” está relacionada a um acordo total, não haviam exceções para essa aliança. Segundo Williams (1996 p.133) é a mesma unanimidade que consta em 1ª Crônicas 12.38 quando o povo se une para proclamar Davi rei. Todos tinham a mesma disposição, o mesmo intento, o mesmo entendimento.

Para Swaggart (2014) esta vida em comunidade se fazia necessária e vital devido à perseguição, alguns dos cristãos primitivos, após a conversão, se viram expulsos da sinagoga, ou de seus empregos.

Aqueles cristãos viviam um momento singular na história do cristianismo, pois *com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça.* (v.33.) Esse foi o Poder dado pelo Espírito Santo para que continuassem falando do Senhorio do Jesus ressurreto. Os apóstolos davam o testemunho no sentido de estarem pagando uma dívida, assim fica evidente que os fatos vividos por eles, em especial a ressurreição de Jesus, leva a um dever de se colocarem mesmo na condição de alguém que testemunhou fatos verídicos. Tudo isso é reflexo também de que toda a comunidade de fé vivia abundante graça, conclui Williams (1996, p. 106).

O poder que foi recebido por meio do Espírito no dia de pentecostes havia os capacitado para a pregação corajosa, pois o enchimento do Espírito, concedia ousadia para a proclamação do evangelho (UTLEY, 2010, P.83). A perseguição que já se apresentava, não lhes tirava o ânimo para a pregação do evangelho, o que pode ser confirmado quando Pedro afirma *é mais importante obedecer a Deus do que aos homens*. (At. 5:29).

Dessa forma, Deus, o Espírito, é capaz de tomar os 11, multiplica-los em 120, depois em 3.000, demonstrando que, quando há o enfoque da vida compartilhada em Jesus, Ele mesmo orquestrará a vida de acordo com sua maravilhosa Unidade proporcionando a multiplicação de discípulos (RICHARDS, 2008).

Aquela comunidade experimentou um assistencialismo isento de egoísmo, já que não havia nenhum necessitado entre eles, porque os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e os depositavam aos pés dos apóstolos; então se distribuía a cada um conforme a sua necessidade. (v.34,35). Dessa maneira, havendo perseguidos, era necessário socorrer, aos desfavorecidos era necessário ajudar, havendo miseráveis, era necessário demonstrar misericórdia e esta comunidade estava na disposição do que ensinou o seu Senhor: Assim como eu os amei, que também vocês amem uns aos outros (Jo. 13:34b).

Naquela comunidade de crentes havia a visão da necessidade de cada um. Vale salientar que não eram só desfavorecidos socialmente os convertidos ao evangelho de Jesus, (SWAGGART 2014, p. 1971), também pessoas de posses que as vendiam para favorecer a todos.

Deve-se observar também que, embora a história narrada seja chamada de Atos dos Apóstolos, é em todos que *havia abundante graça*: havia a operação da graça de Deus sobre os crentes e o favor entre eles, a graça era também o favor com que o povo tratava os crentes. (WILLIAMS 1990, p. 106, 107). o tipo de assistência aos necessitados da igreja de Atos certamente se propagou por alguns anos e serviu de exemplo para motivar outros a fazerem o mesmo, ainda que possuíam posses não as venderam todas repentinamente, eram vendidas de acordo com a necessidade da comunidade. Assim, aos apóstolos era confiada a tarefa da administração desses bens coletivos.

Um exemplo eloquente da liberalidade dos primeiros cristãos aparece nos versículos 36 e 37 quando *José, a quem os apóstolos chamavam de Barnabé,*

que quer dizer filho da consolação, um levita natural de Chipre, vendeu um campo que possuía, trouxe o dinheiro e o depositou aos pés dos apóstolos. Isso chamou tanto a atenção de Lucas, o evangelista, que este fez questão de mencioná-lo, certamente, Barnabé era alguém de importância pública, talvez pelo seu esforço missionário, poderia ser um da linhagem dos levitas (UTLEY, 2010, p. 84). Esse seu esforço levou Lucas, a registrar seu nome e naturalidade, certamente esse exemplo motivou outros a fazerem o mesmo pelo bom exemplo e a advertir quanto a importância da mordomia que promoveria sustento do trabalho missionário por algum tempo (WILLIAMS, 1990, p. 136).

A falta de alimento não era uma preocupação imediata naquela comunidade, pois também compartilhavam o alimento todos os dias, “o partir do pão” significa que eles comiam juntos, compartilhavam o alimento (GONZÁLEZ, 2011, p. 95). Eles partilhavam tudo e comiam juntos, pois *era um o coração e a alma*, havia aqui uma necessidade de relacionamento que só foi possível porque o próprio Espírito Santo os despertou para isso, pois havendo plenitude do Espírito os crentes se movem para uma unidade espiritual e amor solidário, argumenta Lopes (2012, p. 112).

Nesse contexto, amor é traduzido em ação, a pregação revestida é de poder, o altruísmo exemplificado, assim vivia se a adoração e, dessa maneira, os crentes do relato viviam também a adoração na forma do serviço prestado ao outro ao se disporem para doar bens e se doar, assim aqueles que são de Cristo fazem dele o enfoque comum de suas vidas e procuram ajudar-se uns aos outros para que encontrem a liberdade do Espírito Santo em suas vidas, [...] a marca da comunidade cristã (RICHARDS, 2008, p.257).

Por tudo isso, pode-se dizer que alguns dos frutos da comunhão em Atos 4 há a adoração, o senso de responsabilidade social, uma pregação revestida de poder e o exemplo dos primeiros cristãos que têm inspirado cristãos ao longo dos séculos a viverem de alguma forma a comunhão entre si e a buscarem, de alguma forma, dar assistência aos menos favorecidos.

Há uma possibilidade de que aqueles cristãos agiram equivocadamente como afirma Williams (1996, p.134):

A prontidão dos crentes em vender suas propriedades talvez se deva em grande parte à ardente expectativa do regresso imediato de Jesus [...]. Também pode ser verdade que isso teria contribuído para piorar a situação financeira em que mais tarde se encontrariam.

Porém, Willians (1996) considera que isso não concede ao leitor moderno o direito de condená-los, uma vez que o discipulado pode ter seu preço e talvez eles estariam pagando esse preço. também a pobreza daqueles crentes se tornou uma ocasião de bênção tanto para eles quanto para os que lhes ministravam.

Portanto, pode-se dizer que assim se caracteriza o caráter da igreja primitiva, uma igreja cheia do Espírito, com um sentimento de unidade que se manifesta na partilha (MOODY, 2001).

A aplicação desse assistencialismo — que está relacionado ao amor em ação — precisa ser avaliado pensando-se sempre no que pretendeu o autor do texto (UTLEY, 2010 P.84). No entanto, questões como o sentimento de unidade, de comunhão, o cuidado com os outros, o desejo de assistência para que não houvesse necessitado entre eles, o testemunho da ressurreição de Jesus e a abundante graça são aspectos vinculados a vida cristã de um modo em geral.

Diante disso, será considerado a seguir a importância da comunhão para a espiritualidade cristã a partir de Atos 4.32-37, a fim de refletir acerca da relevância da comunhão assistencial para a igreja local.

CAPÍTULO 3

A IMPORTÂNCIA DA COMUNHÃO PARA A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ A PARTIR DE ATOS 4.32-37

A comunhão vivenciada pela igreja primitiva propiciou que os participantes daquela comunidade da fé desejassem estar juntos no desenvolvimento da adoração e devoção a Deus e ao Cristo ressurreto. Os cristãos da igreja em Jerusalém tinham “tudo em comum” o que inclui a espiritualidade, que é consequência da comunhão, pois são elementos interdependentes da espiritualidade cristã. Assim, aqueles indivíduos:

continuavam a usar todas as coisas em comum. Para esses cristãos a espiritualidade era inseparável da responsabilidade social (...). Parece que o comunitarismo teria sido uma solução provisória neste caso, e necessário naquela circunstância (WILLIAMS, 1990 p.94).

Dessa forma, pode-se dizer que estava no coração daquela comunidade, de forma natural e impelidos pelo Espírito Santo a vida em comum, como já demonstrado no capítulo anterior.

A espiritualidade pode ser definida como uma busca pelo contato com algo sobrenatural que dê sentido à existência humana. Na perspectiva cristã, o ser humano tem uma propensão pela busca do significado da vida, do sentido da existência e, assim, criam conceitos transcendentais que atendam suas necessidades e buscam uma conexão com algo que seja maior que o ser humano, essa conexão pode ser por meio de uma participação religiosa formal, ou não.

A espiritualidade está afeita a questões sobre o significado e o propósito da vida, com a crença em aspectos espiritualistas para justificar sua existência e significados (GUIMARÃES, AVEZUM, 2007, p.89 *apud* Saad et al., 2001; Powell et al., 2003).

A espiritualidade está também diretamente vinculada a religiosidade, pois através da religião se crê que é possível acessar a divindade pretendida, o que causa satisfação e conforto nos momentos mais adversos da vida como discórdias e confrontos. É na religião que é encontrado o ponto de apoio em que se tem esse conforto e satisfação. (GUIMARÃES, AVEZUM 2007, p.89)

A espiritualidade não é deixar tudo para trás, tudo que é físico e material

e viver uma vida monástica. O próprio Jesus é pessoa física e pessoal e agiu no mundo físico e material. Embora, priorizasse os aspectos espirituais da existência. A compreensão da Espiritualidade cristã está em um relacionamento espiritual com Jesus através do Espírito Santo presente e que pode ser atestado conforme orienta 1 João 4.2-3.

Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo.

Gonzalez (2011, p. 33) salienta que o propósito de todo o livro de Atos é descrever a ação do Espírito para guiar para o mesmo Jesus encarnado, que está ativo na igreja por intermédio do Espírito. Assim, “ser espiritual”, a partir do exemplo proposto por Atos dos apóstolos, é buscar esse relacionamento com o Deus Pai através do Espírito Santo e tendo Jesus como mediador, valorizando a comunidade da fé no desenvolvimento da devoção cristã e da comunhão segundo as Escrituras. Desta forma, será considerado a relevância da comunhão cristã a partir da perícopos de Atos 4.32-37.

3.1. A comunhão e o assistencialismo são elementos interdependentes da espiritualidade cristã

A expansão do cristianismo pretendido por Jesus iria muito além das fronteiras de Jerusalém, como ele havia afirmado: “[Vocês] serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra” (At 1:8). Dessa forma, Jesus derrubou o muro de separação e acabou com a "distância espiritual", tornando, assim, os crentes gentios e judeus um em Cristo (Ef 2:11-22) (WIERSBE, 2008 p. 128). Assim quando a igreja de Jerusalém demonstra o assistencialismo também aos gentios fica evidente que pode haver a comunhão em Jesus que une diferentes pessoas.

Em 2 Coríntios 8:1-3, Paulo declara que as igrejas da Macedônia experimentavam uma generosidade e voluntariado que se manifestava através da provisão assistencial em prol dos necessitados dos demais participantes da comunidade na fé.

(...) irmãos, queremos que estejam informados a respeito da graça de Deus que foi concedida às igrejas da Macedônia. Porque, no meio de

muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles transbordou em grande riqueza de generosidade. Porque posso testemunhar que, na medida de suas posses e mesmo acima delas, eles contribuíram de forma voluntária, 2 Coríntios 8:1-3

Diante disso, Paulo orienta a igreja em Corinto a continuarem ofertando para que não houvesse necessitados: os crentes deveriam trazer seus dízimos e ofertas no primeiro dia da semana para atender a quem precisasse e para que servisse de testemunho às igrejas. (WIERSBE, 2008 p. 536)

Portanto, nota-se que a igreja se torna conhecida por um exemplo de convivência ainda não conhecida, e que fora motivada pelo Espírito Santo o qual os torna aptos para a comunhão assistencial.

De forma específica, na igreja de Jerusalém, está expresso o que Jesus pretendeu para a Igreja quando orou a Deus: [...] a fim de que todos sejam um. E como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, também eles estejam em nós [...] (Jo 17:21). As pessoas da igreja primitiva estavam cuidando um dos outros como se cada um cuidasse de si mesmo para que não houvessem necessitados, aspecto que não estavam presentes nas comunidades judaicas do Sec. I influenciadas pela religiosidade dos fariseus.

Os fariseus roubavam as viúvas pobres ao tirar suas posses sob o pretexto de usá-las para Deus (Mt.26.14). Eles eram mentirosos, avarentos e espoliadores religiosos. Os valores deles eram confusos (Mt.26. 16-22). Estavam interessados no ouro e nas ofertas, mas não na adoração espiritual no templo [...] (WIERSBE, 2008 p. 89)

O assistencialismo vivido entre os primeiros cristãos serviu também de força motriz para o evangelho, força essa mais poderosa que poderes políticos, pois se tratava de desejo espontâneo daqueles cristãos.

O exemplo deixado por aquela comunidade de fé expressa a relevância da comunhão associada ao assistencialismo generoso e espiritualidade profunda. De maneira que, essa espiritualidade prática e vivencial é uma das necessidades da igreja moderna.

Jesus havia ensinado — inclusive com atitudes — sobre o relacionamento sem preconceitos que deve ser praticado entre os seus discípulos, na igreja primitiva haviam judeus convertidos ao cristianismo, mas pouco depois, pela atuação do Espírito, o evangelho chegaria aos gentios e seria necessária uma aceitação desvestida de preconceitos. Aquele relacionamento espiritual e vivido

entre os cristãos da igreja de Jerusalém se tornaria desejável a outros povos, dada a necessidade de relacionamento entre as pessoas. Isto só foi possível pelo poder do Espírito Santo. Lopes (2012, p. 37) afirma:

O período de testemunho e missão deve anteceder a volta de Jesus. Em vez de conhecer tempos ou épocas, eles seriam revestidos com o poder do Espírito para serem testemunhas (2.33). Não lhes bastaria o poder do intelecto, da vontade ou da eloquência humana. Era preciso que o Espírito agisse neles, dentro deles e através deles.

A igreja hoje pode experimentar o trabalho de missões empreendido pelos primeiros cristãos ao experimentar a comunhão que vivia aquela comunidade, pois não havia necessitado entre eles de forma que os apóstolos poderiam se consagrar à leitura da palavra e à oração⁸, pois não haveria falta do sustento diário, dessa forma a igreja de todos os tempos, ao viverem em comunhão assistencial, terão como avançar nos projetos missionários que empreenderem (LOPES, 2012 p.271,272).

3.2. A comunhão assistencial cristã favorece o testemunho público da igreja local

A comunidade de fé de Jerusalém começou a ganhar o respeito do povo com o tipo de assistencialismo alí vivido, que era sem pretensão ao legalismo judaico — como já citado —, isso lhes servia de testemunho para as pessoas, fossem judeus ou não. Pois, Atos 4.32-37 descreve uma comunidade na qual o amor mútuo é tão grande que se alguém tem necessidade, os outros vendem seus bens imóveis a fim de responder a essas necessidades. (GONZÁLEZ, 2011, p. 95). Esse modelo de assistência não serve somente para testemunho aos primeiros cristãos, para as outras nações, também para cristãos de todos os tempos.

Richards (2008 p. 257) compara esse compartilhar da igreja primitiva com um “correr junto”, o que certamente faz da igreja um órgão sensível às questões sociais dos outros, que caminha junto à comunidade de forma ativa e relevante. Richard (2008, p. 257) também compara a igreja à ideia de uma orquestra em que instrumentos diferentes com sons diversos criam uma harmonia, essa pode ser ouvida agradavelmente pelas pessoas que compõem a comunidade em que

⁸ Atos 6.4

está inserida, se regida pelo Espírito Santo. Sendo indispensável as igrejas da atualidade, independente no local em que esteja situada.

A igreja nascente se tornou tão visível que incomodava as autoridades religiosas e políticas do primeiro século. Se por um lado, haviam aqueles que temiam fazer parte daquela comunidade, por considerá-la um alto padrão. Por outro, haviam aqueles que a desprezavam por compreendê-la como uma seita que logo se dissiparia (WIERSBE, 2008, p. 314). No entanto, o que se percebe era uma igreja tão ativa no seu testemunho de fé que chegou a incomodar as autoridades religiosas do judaísmo.

Quando se tem uma igreja engajada com as questões sociais e de seus participantes, essa assistência ao necessitado chama a atenção das autoridades de forma que essa ajuda não é desprezada, a igreja se torna vista e passa a ser considerada também como uma comunidade de alto padrão. As autoridades passam a contar com a ajuda das igrejas, desde que estas — a exemplo da igreja primitiva — estejam trabalhando de fato para ajudar nas necessidades sociais.

Richards (2008) considera que igreja que “corre junto”, está inserida no contexto de uma comunidade em crises, esta deve ser relevante concernente às questões humanitária, às demandas sociais, aos problemas vividos pela sociedade, para que seja instrumental do Espírito Santo que gerou a assistência às pessoas.

3.3. A comunhão assistencial cristã consiste em uma expressão de amor prático

O ensino de assistência aos outros, para os cristãos do primeiro século, viria do seu próprio Senhor, junto ao ensino Jesus deu o exemplo. Cristo equipou os Doze para o serviço. Segundo Wiersbe (2008, p. 342), a igreja de Jerusalém, recebia o alimento espiritual, participava da comunhão cristã e tinha oportunidades para o serviço cristão.

Naquela comunidade, o amor era traduzido em ação, com motivações puras, num sentimento de família — isentos de egoísmo — amor e compreensão no nível social: houve um ministério de finanças para atender à demanda social do momento. (UTLEY, 2010, p.84)

Os primeiros cristãos possuíam entusiasmo para servir a Cristo, na

disposição do Espírito Santo, a qualquer preço — isto poderia ter custos financeiros —, mas eles compartilhavam do sentimento de Jesus Cristo e, em comunhão com o Redentor, a igreja iria imitá-lo em seu amor pelo próximo

os líderes estavam dispostos a pagar qualquer preço para servir a Cristo, e as pessoas viviam sua fé no dia-a-dia. [...] (1) serviço cristão diário; (2) serviço na casa de Deus; (3) serviço de casa em casa; (4) trabalho de todos os membros; (5) serviço contínuo; (6) ensino e pregação da Palavra; (7) exaltação de Jesus Cristo. (WIERSBE, 2008, p.316)

Aqui se percebe uma igreja completa em termos de serviço (a Deus e ao próximo), pois, de acordo com Richards (2008, p. 258), “*a fonte de onde nasce esse amor pelos outros é o amor a Deus*”. Dessa forma, pode-se perceber nessa comunidade de fé o amor a Deus, amor ao próximo e o socorro ao necessitado como coisas inseparáveis e interdependentes.

Portanto, uma igreja local deve manifestar uma preocupação com as dificuldades enfrentadas pelo próximo. O envolvimento de vidas e a responsabilidade com o bem-estar do outro são marcas que necessitam estar presentes no cotidiano de uma igreja local comprometida com Cristo e as Escrituras. Nesse sentido, a igreja primitiva constitui um exemplo para as comunidades cristãs da atualidade, sendo um excelente modelo de amor prático.

Wiersbe (2008, p. 196) considera que o ideal de ser bênção para os outros necessita permear a igreja de hoje. O companheirismo e comprometimento dos primeiros cristãos pode ser imitado pelos cristãos.

A comunidade de fé do primeiro século seguia o exemplo de seu mestre e, demonstrava de forma explícita o tipo de amor que devia existir na igreja de todos os tempos. Aquela igreja se importava tanto com a situação dos outros que era capaz de desapegar de algo a que normalmente se apegaria em favor do outro, assim, na forma de atitudes o amor era vivido e isso servia de testemunho em favor daquelas pessoas e de seu Cristo.

CONCLUSÃO

A igreja primitiva vivenciou uma intensa comunhão, na qual as pessoas daquela comunidade se importavam em viver em união e compartilhavam, o tempo juntos, o alimento e até os bens materiais. A comunhão vivida por aqueles cristãos era contagiante de forma que atraía a atenção das autoridades e das pessoas. Em face disto, verificou-se a necessidade de investigar esse tema a fim de perceber as aplicações que poderiam ser transportadas para a igreja moderna a partir de Atos 4.32-37.

Constatou-se que o livro de Atos dos apóstolos foi escrito na forma de carta para alguém de certa importância política e, talvez até religiosa chamado Teófilo, por ter este se convertido à fé cristã, mas precisava de um relato detalhado do ministério de Cristo e da igreja do Sec. I.

Percebeu-se também que os propósitos do livro de Atos dos Apóstolos foram revelar a obra escatológica baseada nos relatos dos profetas a respeito do Cristo prometido; também o início da Igreja de Jesus a partir de Jerusalém com seus primeiros líderes; a comunhão existente entre eles; a conversão de Saulo; o início da obra missionária e expansão da Igreja.

Foi analisada a importância da comunhão vivida pelos primeiros cristãos na igreja nascente, pois um fato que chama a atenção é o fato de não haverem necessitados entre eles, pois cada um compartilhava tudo que tinha, inclusive juntos participavam das refeições com alegria.

Este artigo também pretendeu entender a comunhão vivida por aquela comunidade de fé e como aplicaram os ensinamentos de Jesus nessa comunhão, pois se tratava de desprendimento de bens para o bem comum, o que ficou entendido como o amor em ação e, para isso foi feita uma análise de Atos 4.32-37 — sem a pretensão de exaurir dele todo o conteúdo — e assim compreender a experiência de comunhão da igreja primitiva registrada por Lucas.

Constatou-se que a motivação daquela comunidade de fé em abrir mão de bens para socorrer aos necessitados estava ligada ao amor ensinado pelo Senhor Jesus, o qual ensinou por palavras e obras

Foi constatado que uma espiritualidade sincera leva a uma comunhão tão verdadeira que os integrantes dessa comunidade se doam em função do bem estar do próximo e do bem comum. A comunhão por parte dos primeiros cristãos

pode ser associada à comunhão existente entre Deus Pai e Deus filho e o desapego está relacionado ao amor demonstrado por Jesus, pois entendiam ter uma dívida com seu Senhor, uma evidência de profunda devoção. Foi identificado tamanha comunhão que os cristão da igreja primitiva se sentiam como sendo um o coração e a alma, era uma comunidade verdadeiramente piedosa, fato necessário frente a perseguição que se iniciava à igreja. Constatou-se também que entre aqueles cristão havia uma graça tão abundante, dada pelo Espírito que os impulsionava a testemunhar corajosamente sobre tudo que haviam visto e vivido; também essa mesma graça abundante os fazia favorecer aos outros em detrimento de seus bens.

Buscou-se entender o tipo de espiritualidade vivida pelos primeiros cristãos e verificou-se que eles pretendiam uma espiritualidade a estilo de Jesus que viveu como pessoa comum, lidando com gente comum e, no poder do Espírito, enfrentando problemas comuns e humanos: uma igreja que caminha junto com a comunidade. Assim, os cristãos se devotavam a Deus, com o auxílio do Espírito Santo e intermediado por Jesus e, com isso assistiam aos necessitados.

Constatou-se que a expansão da igreja no modelo de Jerusalém, demonstrou a outros povos que Jesus queria a comunhão também com os gentios e o cooperativismo ultrapassa para o povo gentílico de forma que se tornou universal a possibilidade de espiritualidade profunda, comunhão e assistencialismo generoso vividos entre os cristãos de Jerusalém.

Observou-se também que o tipo de espiritualidade vivida entre os cristãos do primeiro século levou à abundante graça e ao reconhecimento de pessoas de diferentes níveis sociais. O alvo de vida daquelas pessoas era a consagração de vida, comunhão e oração, o que levava a comunhão e desapego material. Este modo de vida chamou a atenção de autoridades e da sociedade em geral, uns entendiam como uma comunidade de alto padrão e outros a viam como seita, no entanto isso serviu de testemunho visível do poder do Espírito naquelas pessoas.

Ficou entendido que o tipo de comunhão vivido entre os primeiros cristãos está associado ao amor prático, o que fora bem demonstrado por Jesus, no seu modo de vida, atenção aos outros, e tipo de morte; dessa forma, a comunidade cristã deu também o exemplo do amor cristão, independentemente dos custos — financeiros, ou físicos — dessa escolha.

Percebeu-se em Jerusalém uma igreja completa em termos de serviço a Deus e ao próximo, de espiritualidade, de testemunho público, de envolvimento com as questões sociais. Tudo isso serviu de exemplo para as igrejas de outros tempos e lugares

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português **A Bíblia em ordem cronológica**: nova versão internacional / edição autorizada da obra de Edward Reese (org); Tradutor Judson Canto (títulos e textos explicativos) – São Paulo; Editora Vida, 2003

BÍBLIA. Português **A Bíblia Sagrada**. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015

BÍBLIA. Português **A Bíblia Sagrada**. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil 3ª ed. (Nova Almeida Atualizada) Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BOOR, Wener de. **Comentário Esperança**: Atos dos Apóstolos (p. 17). Curitiba: Esperança, 2002.

GONZÁLEZ, Justo L. **Atos, o evangelho do Espírito Santo** / Justo L. González ; [tradução Lena Aranha] - São Paulo: Hagnos, 2011.

GUIMARÃES, Hélio Penna; AVEZUM, Álvaro. **O impacto da espiritualidade na saúde física**. Revista de psiquiatria clínica, São Paulo, n.34, supl.1, p.88-94, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/HCc9kdndvxXFjdXZtfpdGyP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20/10/2021 às 14:47hrs

KISTEMAKER, Simon. **Atos**: Vol 1. 2ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

LOPES, Hernandes Dias **Atos**: a ação do Espírito Santo na vida da igreja / Hernandes Dias Lopes. — São Paulo: Hagnos, 2012.

MARSHALL, Howard I. **Atos**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Bíblico, 1982.

PFEIFFER, C. F.; HARRISON, E. F. (Ed.). **Comentário Bíblico Moody**: os evangelhos e Atos. São Paulo: Batista Regular, 2001.

RABUSKE, Irineu José. A igreja em suas origens: revisitando os atos dos apóstolos. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 42, n.1, p.5-18, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/11290/7699>. Acesso em: 22/09/2021 20:46 hrs.

RICHARDS, Lawrence o. **Comentário histórico cultural do Novo Testamento**. 3ª Ed. São Paulo; Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2008.

SWAGGART, Jimmy in: **Bíblia de estudo do expositor**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. p.1962-2032. Notas de Jimmy Swaggart.

UTLEY, Bob. **Lucas o Historiador de Atos**. (Interpretação Bíblica) Série Guia de estudos e Comentário Novo Testamento Volume 3B Lições Bíblicas Internacional, Marshall, Texas, 2010.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Wiersbe: Volume II Novo Testamento** Traduzido por Regina Aranha Geográfica Santo André, SP, 2008.

WILLIAMS, David J. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo atos**. São Paulo: Vida, 1990.